

APRESENTAÇÃO

“A vida é muito curta para permitir a um de nós a aquisição de múltiplas maestrias”

F. Braudel

Já faz algum tempo, o eminente historiador francês, Fernand Braudel (1902-1985), falava de seu assombro ante a diversidade basilar das Ciências Sociais e Humanas. Era-lhe impressionante o quanto nosso *fazer* investigativo afastava-se pela multiplicidade de linguagens, regras, carreiras etc., criando um emaranhado de paisagens tão distintas que praticamente deixava irreconhecível o solo das Humanidades sobre o qual o edifício teórico-metodológico havia sido erigido. Esta diversidade, e não sua unidade, seria a marca indelével de nossas Ciências, sendo mesmo *estrutural*, isto é, fazendo parte de sua realidade *sine qua non*, sem a qual este ou aquele conhecimento, esta ou aquela Ciência tornar-se-ia impossível. Isto não significaria, no entanto, que abandonássemos o projeto lançado pelos *Annales*, no início dos anos 30 do século passado, de unificar, ao menos teoricamente, nossos campos de análise. Mas na medida em que se aperfeiçoaram, *disciplinando-se*, aprimorando métodos, técnicas e o controle sobre conceitos que sublinhavam as áreas específicas de atuação, nossos cientistas, afastaram-se paulatinamente do fim outrora precogitado. Este divórcio disciplinar entre as várias Ciências do Homem afetou em especial a História, talvez porque a Ciência Histórica ao empregar tão prosaicamente uma linguagem corrente, cotidiana, familiar, problematizando-a, escapasse das amarras reguladoras dos jargões científicos. A revolução informacional que se seguiu à década de 90 ampliou exponencialmente aquele potencial interdisciplinar. Como conseqüência, muitos *novos objetos* assomaram no horizonte da História, de tal modo que, em não poucos casos, tornou-a irreconhecível, revelando-lhe sua maior fraqueza: sua Unidade no plano teórico espaço-temporal. No Brasil, ao longo daquela década, a recondução ao Estado democrático aprofundou, como era de se esperar, nossos interesses em áreas que nos diziam imediatamente respeito, gerando, em maior ou menor grau, divisões intradisciplinares. Foi assim que os estudos voltados para a Antiguidade e o Medievo tornaram-se ancilares em muitos currículos universitários. Algo similar se verificou no que diz respeito à área de Teoria da História, que foi, aos poucos, como tema em teses e dissertações, desaparecendo da Pós-Graduação, em parte em razão do excessivo

empiricismo pelo qual passa a área. Nos últimos anos, vários historiadores, ao lado de outros cientistas sociais, reataram antigas simpatias. Temas transversais, áreas aderentes, estudos multidisciplinares parecem ser a tônica de nossa época, inspirando a retomada de uma teoria unificadora das ciências sócio-humanas. Os estudos que ora apresentamos carregam este traço. Eles são o fruto de um trabalho coletivo abraçado por nosso Laboratório de Teoria da História, Antiguidade e Medievo (LITHAM), o qual levou à realização de nosso 1º. Seminário intitulado Representações, Poder e Práticas Discursivas, que teve lugar no recém inaugurado Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, em Nova Iguaçu, entre os dias 05 e 07 de outubro de 2010. O conjunto de apresentações produziu este material tão variegado quanto fascinante. Trata-se pois de uma obra comum, que mobilizou não apenas temas de distintas épocas e lugares, mas, fundamentalmente, também um esforço normativo sobre as possibilidades dentro da Ciência Histórica no século XXI, conforme postulado no projeto de implantação de nosso laboratório. Os textos foram organizados consoante a distribuição dos temas em nosso 1º. Seminário. Assim sendo, a primeira parte está dedicada aos textos de Teoria da História, seguidos daqueles cujos temas estão voltados para a antiguidade, finalizando com ensaios sobre o mundo medieval. Como se não bastasse o recorte cronológico, que em todo o resto se presta apenas por sua praticidade tradicional, vários destes ensaios procuram outros enfoques que tradicionalmente resvalam de quando em quando em publicações deste tipo.

Em trabalhos deste tipo, em que um grande conjunto de esforços é feito, não seria possível realizá-lo sem a ajuda de muitas pessoas e órgãos. É com profunda gratidão que agradecemos ao Prodocência, nas pessoas de Gabriela Rizo, Márcia Pletsch e de nossa decana, professora Nídia Majerowicz, pelo financiamento destas atividades, a Matheus Concolato pela confecção do material de divulgação e a Ana Carolina Lima Almeida pela ‘mãozinha’ na editoração. Também rendemos homenagem ao professor André Chevitarese, por sua participação no Seminário e ao PPHR pelo apoio logístico e de pessoal no Seminário. *Last but not least* aos alunos e funcionários da UFRRJ, pela dedicação e diligência no desempenho de suas tarefas.

Os Organizadores